

# **A Música Sertaneja de MS**

Délio & Delinha a Luan Santana

por **Rodrigo Teixeira**

## • Introdução

A história da música de Mato Grosso do Sul remete há décadas antes da divisão do Mato Grosso e da criação do Estado em 1977. A região já absorvia, desde o início do século XX, a cultura dos migrantes mineiros e paulistas, desbravadores que mantinham o costume da catira e do cururu. Com a instalação do rádio em todo o território nacional, os moradores das principais cidades do Sul de Mato Grosso também tiveram acesso aos artistas mais famosos do país nos anos 40 e 50. Sucessos nacionais, como 'Chalana' (Mário Zan/Arlindo Pinto), 'Tristeza do Jeca' (Angelino de Oliveira) e 'Beijinho Doce' (Nhô Pai), além dos cantores mais conhecidos da rádio, como Francisco Alves, Orlando Silva, Ângela Maria, Caubi Peixoto e Nelson Gonçalves, estavam presentes na casa dos sul-mato-grossenses.

A influência dos ritmos musicais do Sul do país - como xote, milonga, vanerão, rancheira e a marcha -, acontece também desde final do século XIX, quando as primeiras levas de gaúchos começaram a chegar ao Sul do Estado em números mais expressivos, vindos do Rio Grande do Sul para fugir das lutas e batalhas que agitaram a região sulina por décadas. Na verdade, depois da Guerra do Paraguai (1864/1870) é que as terras de Mato Grosso acabaram sendo realmente 'descobertas' pela população do país. Os soldados do exército brasileiro, constituído por homens de vários lugares, voltaram para suas respectivas cidades comentando sobre aquele pedaço de terra praticamente desabitado. Não demorou para migrantes – os fundadores de Campo Grande vieram de Minas Gerais -, de todas as partes do país se estabelecerem na região.

Outro item fundamental para compreender a música produzida em Mato Grosso do Sul é a presença dos ritmos fronteiriços, resultado natural da convivência da população do Estado com paraguaios, argentinos e bolivianos. Ponta Porã e Corumbá, por exemplo, são municípios em que não apenas a música, mas a própria identidade cultural é uma mistura dos costumes e tradições de vários países. Com isso, a polca paraguaia, o chamamé e a guarânia foram incorporados de forma definitiva na música sul-mato-grossense e são elementos que acabam a diferenciando do restante da música produzida no país até os dias atuais.

## • Anos 50

Na década de 50 os primeiros compositores da música produzida no Sul de Mato Grosso começaram a surgir. A maioria vinha da fronteira para Campo Grande, a cidade que mais crescia no Estado desde a chegada dos trilhos da Noroeste do Brasil em 1914. Até então, o principal contato da região era feito por meio do porto de Corumbá, cidade fronteiriça com a Bolívia, cortada pelo Rio Paraguai e que até a primeira década do século XX era a mais desenvolvida e próspera do Estado.

Com a construção da ferrovia a partir da cidade de Bauru (SP) e que passava por Campo Grande antes de chegar a Corumbá, o eixo comercial, político e militar sofre uma alteração no Sul de Mato Grosso. O comércio do porto de Corumbá, que chegou a ser um dos mais movimentados e importantes do país, é afetado também pela Primeira Guerra Mundial (1914/1918) e se transfere para Campo Grande. A cidade passa dos 328 moradores em 1900 para os 122 mil habitantes em 1970 e em 1977 é denominada Capital do Estado.

O caminho natural para quem queria ser artista em Mato Grosso era deixar a sua cidade – geralmente na fronteira -, se estabelecer em Campo Grande e seguir para São Paulo, onde havia os programas de rádios mais famosos, as gravadoras e o mercado dos circos, centenas na época, que rodavam vários estados brasileiros.

### *Délio & Delinha começou a carreira em 1958*

O duo Délio e Delinha construiu uma das carreiras de maior sucesso da música sul-mato-grossense. José Pompeu e Delanira são primos e ambos nasceram em Maracaju. Mas só foram se reencontrar em Campo Grande no final dos anos 50 e formaram o Duo Pintassilgo em 1957. No ano seguinte, após se casarem, foram morar na capital paulista. Lá o famoso locutor da Rádio Bandeirantes, Capitão Bardoüno, batizou a dupla de Délio e Delinha e criou o slogan 'O Casal de Onça de Mato Grosso'.

Um detalhe importante é que a dupla assina praticamente todas as composições de seu vasto repertório, um grande diferencial na música sertaneja para a época. A alta qualidade de suas canções – rasqueados na maioria – faz com que a dupla em poucos dias em São Paulo fosse aceita no elenco da Rádio Bandeirantes. Com a presença nos principais programas de rádio da capital paulista, o caminho para a gravação de discos foi natural e em 1959 o produtor Mário Vieira aceita lançar um LP 78 rotações com as músicas ‘Malvada’ e ‘Cidades Irmãs’. Com o sucesso das canções nas rádios do Sul de Mato Grosso, o saudoso Mário Vieira acaba abrindo as portas da Califórnia para a dupla, que grava 14 discos de 78 rotações e 15 LPs pela gravadora.

Entre 1959 e 1976, ano em que se separam, Délio & Delinha emplaca vários sucessos que se transformaram em clássicos da música sul-mato-grossense: ‘Prenda Querida’ (1960), ‘Triste Verdade’ (1961), ‘Vem Chorando Mas Vem’ (1962), ‘Morena Fingida’ (1964), ‘Quero Seus Beijos’ (1965), ‘Prazer de Fazendeiro’ e ‘Chora Chora Violão’ (1966), ‘Criador de Gado Bom’ (1968), ‘Desventura’ (1969), ‘Cuidado Meu Bem’ (1969), ‘Chora Chora Meu Bem’ (1971), ‘Vem Meu Bem’ (1974)...

A dupla voltou a gravar um LP em 1981 e emplacou um dos maiores sucessos da carreira: ‘O Sol e A Lua’, de Delinha. Durante os anos 80, a dupla permaneceu separada e só retornou em meados da década de 90, lançando em 1995 a coletânea ‘Modas Sertanejas’ pela Gravadora Sauá, com produção e direção do compositor Paulo Simões e Guilherme Rondon. A dupla ultrapassou os anos 2000 na ativa e ainda lançou em 2007 o primeiro DVD da carreira.

*‘Pé de Cedro’ foi gravada pela primeira vez por Tibagi & Miltinho*

Zacarias Mourão (1928/1989) foi um grande incentivador da música sul-mato-grossense. Natural de Coxim, nos anos 50 ele já era reconhecido como poeta e compositor. Acabou criando, juntamente com o parceiro Goiá, um dos maiores clássicos ecológicos sertanejos da música brasileira: a canção ‘Pé de Cedro’, composta em 1959 e gravada pela primeira vez pela dupla Tibagi & Miltinho. Além de produtor de várias gravadoras importantes da época, Zacarias também comandava programas de rádios de grande audiência, como ‘Brasil Caboclo’ e ‘Porteira Velha’, e assinava colunas em revistas populares, como a ‘Venenos do Zacarias’, na revista sertaneja ‘Melodias’.

Funcionário da Polícia Rodoviária e jornalista, Zacarias também foi o responsável pela ida de vários artistas do Sul de Mato Grosso para São Paulo, como Délio & Delinha, Amambay & Amambai e Dino Rocha. O compositor é conhecido pelas parcerias com Goiá, mas também dividiu músicas com Capitão Furtado, Anacleto Rosas Jr., Zé do Rancho, Tônico e vários outros. Outro grande sucesso de sua autoria é ‘A Mato-grossense’, com Flor da Serra. No final dos anos 50, o coxinense conhece Itamy, da dupla Itamy & Anahy. Os dois se casam em 1959, a dupla começa a ser produzida por Zacarias e se transforma em Duo Estrela Dalva.

Já consagrado como compositor, chega a ocupar cargos importantes da indústria da música sertaneja, como o de diretor da gravadora multinacional Philips. Em 1981, decide deixar São Paulo, onde tinha montado a gravadora Pé de Cedro, e fixar moradia em Campo Grande. Funda a ZM Produções Artísticas e acaba trazendo para o Estado vários astros da música sertaneja, como Tônico & Tinoco, Milionário & Zé Rico, Sérgio Reis, Chitãozinho & Xororó e Amado Batista. Todos seus amigos pessoais.

Em meados da década de 80 dirige o ‘Projeto Seriema – A Voz do Sertão na Alma do Povo’, em que registra e resgata várias duplas da música sertaneja de MS. São eles: Par & Ímpar, Doraci & Dorival, Real & Madri, Romance & Romerinho, Beth & Betinha, Baronito & Sereninho, Gilson & Jarbas, Colega & Companheiro, Lauro Ney & Lidiane, Lea & Itamy, Trio Campeiros do Sul, Alan Rodrigues & Jean Moreira, Trio Filhos de Anastácio e Simão e Celito, que abre o disco com ‘Pagode Angelical’.

Zacarias também foi jurado do extinto programa ‘Nossa Terra, Nossa Gente’, da TV Campo Grande, em que reunia nomes como a sua filha Lígia Mourão, a esposa Itamy e os comunicadores Maurício Picarelli e Ramon Achucarro. Foi também técnico parlamentar da

Assembléia Legislativa de MS e organizou caravanas artísticas para várias campanhas políticas. As suas festas, as 'moagens', que organizava em seu sítio em Coxim eram famosas e freqüentadas pelos amigos artistas. Sua filha, Lígia Mourão, garante que o pai tem mais de duas mil músicas compostas. Zacarias foi assassinado no dia 23 de maio de 1989 em Campo Grande.

A canção 'Pé de Cedro', no entanto, se tornou o hino de Coxim e é uma das músicas que mais receberam versões na música sertaneja do país. O próprio pé de cedro, plantado por Zacarias aos nove anos em 1939, se transformou em ponto turístico da cidade e resiste mesmo após sete décadas de ser plantado pelo Menino Tió.

#### *Irmãs Beth e Betinha eram conhecidas como As Princesinhas da Fronteira*

Uma das duplas que comprova a forte influência da música paraguaia na arte sul-mato-grossense é Beth & Betinha. As irmãs Josabeth e Eleonor – o pai era uruguaio e a mãe gaúcha; tiveram 11 filhos -, nasceram em Rio Brillhante, mas se criaram em Ponta Porã. Com apenas 10 anos, em 1951, Betinha já fazia dupla com seu cunhado. Em 1956, formou a dupla com a irmã. O repertório cheio de polcas e guarânicas cantadas em castelhano, guarani e português já era uma de suas marcas e o que se tornou um diferencial do músico sul-mato-grossense: cantar em três idiomas e embalado por ritmos fronteiriços, algo singular no panorama da música brasileira até os dias atuais.

Com apresentações ao vivo nas rádios e clubes das cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, no Paraguai, Beth e Betinha ganharam o título de 'As Princesinhas da Fronteira'. Em 1958, elas embarcam para Campo Grande para se apresentar na Rádio PRI-7, onde os principais artistas realizavam shows ao vivo no auditório. Na mesma época, estava em Campo Grande o circo de Nhô Pai (1912/1988), famoso em todo o país depois de emplacar o sucesso 'Beijinho Doce', gravado pela primeira vez em 1945 pelas Irmãs Castro. Nesta apresentação no circo de Nhô Pai elas conheceram a dupla Rodrigues & Rodriguinho. Eles realizaram uma longa turnê e depois acabaram se casando em 1962 e permanecendo juntos por 12 anos. A primeira gravação da dupla foi em 1959, um LP de 78 rotações produzido pela gravadora Inspiração com as músicas 'Oh, Campo Grande' e 'Malvado'.

Fizeram muitas apresentações em circos, com direito aos dramas, os teatros dramatizados em que os artistas se transformavam em atores. Também atuaram em rádios, chegaram a ter programa em Aquidauana, e a freqüentar a rádio Difusora de Guarulhos. Elas encararam todo tipo de situação para realizar shows nos lugares mais distantes. Chegaram a ir a cavalo para o garimpo de Mato Grosso. Enfrentaram viagens de teco-teco, caminhão e trem para fazer shows em lugares sem energia elétrica e iluminados por lamparina. Atualmente ainda na ativa, a dupla Beth e Betinha ainda guarda um modo especial de tocar o autêntico rasqueado fronteiriço.

#### **• Anos 60**

Durante a década de 60, Délio & Delinha foi a dupla que mais se destacou em termos nacionais entre os artistas sul-mato-grossenses. Nos anos 60, a dupla gravou 10 long plays pela gravadora Califórnia, se apresentou nos principais programas da Rádio Bandeirantes e realizava o circuito de shows com circos pelo interior de São Paulo e Minas Gerais. Em Mato Grosso do Sul, Délio & Delinha era o principal nome da música do Estado e fazia muitos shows no interior. Em 1961, o arrasta-pé 'Triste Verdade' é incluído na trilha sonora de 'Lá No Meu Sertão', filme baseado na obra e na trajetória de Tonico & Tinoco, com uma versão instrumental de Biguazinha, filha do radialista e músico Biguá. Délio embolsou um bom dinheiro de direito autoral.

Em 1968, após trabalhar por anos com o acordeonista Caçulinha, Délio e Delinha chamam o sanfoneiro Zé Corrêa (1945/1974) para gravar o disco 'Gosto Tanto de Você'. O LP se transforma em sucesso de venda e emplaca o hit 'Criador de Gado Bom', dedicado ao famoso fazendeiro Geraldo Corrêa. O dono da gravadora Califórnia, Mário Vieira, se encanta com a musicalidade de Zé Corrêa e o convida para gravar o primeiro disco solo – 'O Acordeonista Orgulho de Mato Grosso' -, o que acontece ainda no ano de 1968. Com um jeito 'novo' de tocar o chamamé, Zé Corrêa não só cria uma escola sul-mato-grossense para a sanfona, como

coloca o instrumento na linha de frente dos conjuntos, deixando para trás a figura do sanfoneiro apenas como um acompanhante. Depois de Zé Corrêa, o sanfoneiro pode ser o líder do grupo.

Nascido na fazenda Torquato, em Nioaque (MS), Zé Corrêa vira fenômeno da música sul-mato-grossense em termos de venda de discos e popularidade. Com seus LPs, o chamamé acaba sendo incorporado definitivamente na música de MS e com um 'sotaque' diferente do feito na Argentina, onde foi criado. Zé Corrêa toca a sanfona de maneira 'duetada' e pela primeira vez este estilo é gravado em disco. Com interpretações renovadoras de clássicos da música argentina e alguns temas próprios, o sanfoneiro também acaba lançando artistas até então restritos ao circuito regional.

Em 1969, Zé Corrêa grava seu segundo disco solo – 'O Ídolo de Mato Grosso' – e chama Amambay & Amambaí para uma participação. O resultado é o sucesso estrondoso da música 'A Matogrossense' (Zacarias Mourão/Flor da Serra), que acaba levando a dupla a gravar disco solo pela Califórnia, nestas alturas uma espécie de 'casa' dos artistas sul-mato-grossenses. Ainda em 1969, Zé Corrêa produz seu terceiro disco solo, já com a 'alrunha' que iria imortalizá-lo: 'O Rei do Chamamé'. Neste disco ele grava cinco temas de sua autoria e convida o Duo Irmãos Gonzalez para cantar cinco faixas no LP também produzido pela Califórnia.

*'A Matogrossense' foi gravada por Amambay & Amambaí e Zé Corrêa em 1969*

Com o sanfoneiro Zé Corrêa se tornou um astro no Centro-Oeste. Uma legião de fãs e instrumentistas seguia seu estilo de tocar. A música fronteiriça se 'oxigena' e os grupos e cantores que já trabalhavam com os ritmos polca, guarânia e, mais do que nunca, o chamamé ganham força no final da década de 60. Impulsionados pelo grande sucesso de 'A Matogrossense', Amambay e Amambaí gravam com Zé Corrêa em 1969 o disco pela Califórnia em que assinam como 'Os Mensageiros de Mato Grosso'. Este LP acaba influenciando muitas duplas a incluir a sanfona no grupo. Ou seja, muitas duplas se transformaram em trios dali para frente.

Como Beth e Betinha já faziam, Amambay e Amambaí também cantavam em castelhano, guarani e português e misturavam canções da música paraguaia, correntina e sertaneja, algo raro dentro da indústria da música sediada em São Paulo. O fato de muitos artistas de Mato Grosso do Sul cantarem em três línguas foi notado pelo paraguaio Hermínio Giménez (1905/1991), que se apresentou várias vezes no Estado. O maestro chegou a afirmar, segundo Elinho do Bandoneon, que 'o músico sul-mato-grossense é o verdadeiro músico fronteiriço porque canta em três línguas'.

Na verdade, Amambay e Amambaí só conseguiram gravar no final dos anos 60, mas vinham batalhando na música desde meados dos anos 50 e na década de 60 tinham programas de rádios em Campo Grande e eram muito requisitados para festas em igrejas e feiras no interior do Estado. Ermídio, o Amambay, já tinha formado a dupla Alvarenga e Umar em 1955. Cecílio, o Amambaí, talvez seja o músico do Estado que está a mais tempo na ativa. Ele formou aos 10 anos, em 1947, a dupla Campanha e Corumbá, que se apresentou na Rádio Difusora de Aquidauana por quase uma década. Eles ficaram juntos até que seu parceiro Corumbá se mudou para São Paulo em 1956.

Logo depois, Ermídio foi à festa de casamento de Cecílio e formaram a dupla na seqüência. Amambay & Amambaí foi praticamente a primeira dupla de MS a gravar chamamé no Brasil e, em especial, em castelhano, como foi o caso de 'Vila Guilhermina'. Também foram os primeiros a gravarem o compositor Aurélio Miranda e estão entre as duplas que mais interpretaram canções de Zacarias Mourão. Amambay e Amambaí tocavam primeiro com o sanfoneiro Elinho e tinham programa na Rádio Educação Rural. Mas Elinho precisou parar de tocar em 1964 e voltaria ao cenário somente na década de 70, quando lançou três LPs: 'O Acordeonista Coração de Mato Grosso' (1971) e 'Bosque da Saudade' (1973), ambos pela gravadora Califórnia, e 'Flor do Pantanal' (1975), pela Discos Meu Ranchinho.

Quem ajudou Elinho a conseguir gravar com Mário Vieira foi Zé Corrêa, que acabou sendo o seu substituto na dupla Amambay & Amambaí e que se transformaria quatro anos depois no maior nome do acordeon de Mato Grosso. No final dos anos 70, Elinho acabou adotando o

bandoneon, instrumento clássico do chamamé e muito usado na Argentina. Até hoje é um dos poucos instrumentistas do Estado que se dedica ao estudo do instrumento e que também sabe consertar acordeon, gaita e bandoneon.

#### *Caravelle, de Jandira, divulgou a música fronteiriça em Campo Grande*

Enquanto artistas como Délio & Delinha, Amambay & Amambaí e Zé Corrêa conseguiam extrapolar as fronteiras de MS e gravar discos em São Paulo, um grande time de cantores, compositores e instrumentistas realiza um trabalho 'silencioso' em Campo Grande e interior do Estado durante toda a década de 60. Vários acontecimentos artísticos, em diversas áreas, tornavam lentamente a pacata Campo Grande em uma das cidades mais ricas culturalmente do interior do Brasil, o que iria se tornar ainda mais forte na década de 70 e chegar ao pico no início dos anos 80. Jandira & Benites acabou dando os primeiros passos na direção da profissionalização da música nos bares e restaurantes de Campo Grande.

A dupla começou em 1964, quando Benites conheceu Jandira na boate Caravelle. O local de propriedade da cantora acabou se transformando em uma espécie de centro cultural fronteiriço, onde a música e a dança latino-americana tinham espaço garantido e era uma atração turística campo-grandense. Com isso, Jandira & Benites acaba divulgando para o grande público os clássicos da música fronteiriça e incentiva o intercâmbio entre artistas sul-mato-grossenses e paraguaios. Assim como Beth & Betinha e Amambay & Amambaí, Jandira & Benites também canta em castelhano, guarani e português.

O casal também ficou famoso por ser pioneiro em cantar em churrascarias de Campo Grande. Nesta época, não existia equipamento de som nos estabelecimentos e o grupo musical precisava tocar de mesa em mesa, geralmente três músicas em cada. O que motivava os músicos não era nem o cachê do restaurante e sim a caixinha dada pelos frequentadores. Uma das churrascarias mais famosas foi a Braseiro, que depois passou a se chamar Cabana Gaúcha. O local ficou famoso por servir churrascos campeiros ao som de trios paraguaios, com direito a harpa e requinto.

Muitas duplas, cantores e instrumentistas movimentavam o mercado e a cena musical do Sul de Mato Grosso durante toda a década de 60. Alguns inclusive com discos gravados em São Paulo, como foi o caso de Romance & Romerinho, Curioso & Barqueirinho, Baronito & Sereninho, Ivo de Souza e Florito.

#### **• Anos 70**

Depois de 10 discos gravados nos anos 60 na Califórnia, Délio e Delinha ainda se mantêm em alta na primeira metade da década de 70. Apesar de gravarem vários ritmos, o rasqueado tradicional ainda continua sendo o forte da dupla. No ano de 1970, eles trocam a Califórnia pela Chantecler, uma das mais importantes gravadoras da época, mas a repercussão não foi a esperada. A dupla volta para a 'casa' do amigo Mário Vieira e lança ainda cinco discos pela Califórnia até se separar em 1976. Somando o repertório dos LPs de 78 rotações, produzidos desde 1959, são mais de 200 músicas gravadas por Délio & Delinha, até hoje um dos maiores repertórios autorais registrados em discos por artistas do Estado.

O fenômeno Zé Corrêa, com seu 'estilo duetado', e o sucesso de 'A Matogrossense', com o sanfoneiro e a dupla Amambay & Amambaí, populariza mais ainda a música de fronteira, mais propriamente o chamamé e, na sua rabeira, a polca paraguaia e a guarânia. Amambay e Amambaí, por exemplo, passam por todas as grandes gravadoras nos anos 70: Califórnia (1971/1973), Continental (1977) e Chantecler (1979).

Para reforçar ainda mais a vertente fronteiriça da música de MS, Jandira e Benites finalmente gravam uma seqüência de discos que os estabelece como os grandes intérpretes da música sul-mato-grossense. Apesar de Jandira ser compositora também, assim como Benites, são as versões para grandes clássicos da música latino-americana que tornam a dupla uma das mais solicitadas para festas e eventos em Campo Grande. Depois de participar de 'O Inimitável', de Zé Corrêa, eles gravam na Califórnia 'Carreta Campesina' (1971), 'Un Recuerdo' (1973) e 'Selva, Noche, Luna...' (1974), este último com a participação histórica de Hermínio Giménez,

que assina a música 'Quando Tu Regreses'. A dupla produz ainda o excelente 'La Carreta' (1977), com direção de Dino Franco pela Chantecler.

Jandira descobre que está com câncer de mama em 1976 e opera no ano seguinte. Mas o acontecimento que abala a música sul-mato-grossense é o assassinato de Zé Corrêa no dia 9 de abril de 1974, em Campo Grande, aos 29 anos, por volta das 20h30, ao chegar à frente da sede da Rádio Educação Rural para participar de um programa. Detalhe: uma semana antes ele havia sido considerado inocente pela Justiça no acontecimento que levou a morte do seu cunhado em julho de 1971. Segundo o Correio do Estado do dia 10 de abril de 1974, Zé Corrêa levou 'cinco tiros e a morte teria sido motivada por vingança'.

Em 1970, ele havia lançado um dos seus melhores discos – 'Ami Bien Amada' – com a participação do duo Irmãos Gonzalez. Os dois últimos LPs, Zé Corrêa fez no período em que ficou viajando de um lado para outro após a morte do cunhado: 'O Preço da Glória' (1971) e 'O Campesino Zé Corrêa' (1972). Toda a discografia do sanfoneiro, que ainda participou de 14 discos com outros artistas, foi produzida pelo fiel Mário Vieira na gravadora Califórnia.

#### *'Gaivota Pantaneira' se transforma em primeiro sucesso de Dino Rocha*

Um ano antes da morte de Zé Corrêa, em 1973, outro sanfoneiro iria se tornar ídolo do chamamé sul-mato-grossense e, posteriormente, um dos principais nomes de seu instrumento no país. Roaldo Rocha nasceu na Fazenda Boqueirão, na centenária Juti (MS). Ele foi batizado de Dino Rocha por Zacarias Mourão durante a viagem de Campo Grande a São Paulo, onde o sanfoneiro iria gravar com Amambay & Amambaí o disco 'Voltei Amor', pela gravadora Tapeçar. Neste disco Dino interpretou seis músicas de sua autoria e uma se tornou até hoje um dos grandes clássicos da música instrumental e fronteira sul-mato-grossense: 'Gaivota Pantaneira'.

Nascido em maio de 1951, aos 10 anos o músico mudou-se com a mãe para Ponta Porã após o falecimento de um irmão que tocava sanfona e estava no exército. Com apenas 14 anos monta o grupo 5 Nativos e realiza muitas apresentações em Ponta Porã, Pedro Juan Caballero e região. Já com um grande repertório na 'manga', Dino e dois paraguaios violonistas decidem ir para Campo Grande tocar na boate Recanto das Corujas. Após seis meses em Campo Grande, vai para Corumbá, onde fica um ano tocando na Boate Guarany, passa por Ponta Porã novamente e vai para Paranavaí, onde permanece mais um ano. Em 1970, retorna a Ponta Porã e a música 'A Matogrossense', com Amambay, Amambaí e Zé Corrêa, está estourada nas rádios do Estado. Quando fica sabendo que Amambay e Amambaí estavam precisando de acordeonista vai para Campo Grande e no final de 1972 começa a tocar com a dupla.

Embalados pelo sucesso de 'Gaivota Pantaneira' e 'A Matogrossense', o trio formado por Amambay, Amambaí & Dino Rocha se destaca na cena regional. Na verdade, a música fronteira domina a primeira metade da década de 70 no Sul de Mato Grosso. Zé Corrêa, Amambay & Amambaí, Beth & Betinha, Rodrigues & Rodriguinho, Elinho, Adail & Tesouro, Azes do Chamamé, Jandira & Benites eram nomes da música sul-mato-grossense que estavam em produção crescente, gravando discos e realizando muitos shows.

Com o assassinato de Zé Corrêa em abril de 1974, Dino Rocha meses depois lança o LP 'Chora Sanfona – Homenagem a Zé Corrêa', seu primeiro disco solo, pela gravadora Califórnia. No texto de apresentação, assinado por Zacarias Mourão, é incentivado a ideia de que Dino Rocha seria o seguidor natural de Zé Corrêa. O fato é que Dino também toca duetado e, mais do que intérprete, é compositor. Ele continua com Amambay & Amambaí até 1976 e é convidado a integrar Os Filhos de Goiás, após a saída do sanfoneiro Roninho. O trio estava fazendo sucesso e tinha programas de rádio de grande audiência, como o 'Linha Sertaneja Classe A', na Rádio Record. Dino gravou três discos com eles e acabou divulgando o 'chamamé sul-mato-grossense' para todo o Brasil. Com 18 LPs solos e inúmeras participações em discos de colegas, Dino Rocha tem uma das maiores discografias da música de MS com mais de duas centenas de temas gravados.

#### *Um dos raros casos de músico mato-grossense que adotou o Sul*

O músico Aurélio Miranda veio de Cuiabá para o Sul de Mato Grosso em 1969 e teve uma ascensão espetacular até o final da década de 70. Natural de Mutum, na cabeceira do Rio Manso (MT), aos 13 anos foi morar em Cuiabá e formou a dupla Cigano e Ciganinho (que era ele) por volta de 1963. Bom de papo, trabalhou nesta época nos mais diversos ofícios, como pintor de parede, vendedor de água em burrico e entregador de pães. De carona com um fazendeiro de Poxoréu, que estava trazendo arroz para Campo Grande, Aurélio acabou ficando em Coxim e depois de um tempo foi para Rio Verde, onde cantou no cinema. No começo da década de 70 chegou a Campo Grande. Aurélio se apresentava em um local chamado Cinelândia, que ficava em frente ao já inexistente Relógio da 14 na Afonso Pena, além de 'infernhos', como a famosa boate Recanto das Corujas.

Compositor de mão cheia, instrumentista dos bons e dono de um vozeirão, Aurélio foi um dos poucos músicos do Norte de Mato Grosso que conseguiu se destacar no Sul do Estado. O tino para compor por encomenda sempre foi um dom de Aurélio, que chegou a trabalhar como vendedor de túmulos e de enciclopédias. No início dos anos 70, venceu com a música 'Terra do Pantanal' o concurso do programa 'Show 6', da TV Morena, que havia sido inaugurada em Campo Grande em dezembro de 1965, como afiliada da extinta TV Tupi. Além de um aparelho de televisão como prêmio, também foi mandado para participar do programa do Bolinha, na TV Record, em São Paulo. Venceu o concurso também com o samba exaltação 'Independência ou Morte'. Empolgado com o 'sucesso', ficou um tempo em São Paulo tocando em boates e em 1974 conseguiu um emprego na Rádio Cultura de Jales (SP). Os tempos estavam difíceis e Aurélio se virou como pode até 1977, quando retornou definitivamente para Campo Grande.

*'Estrada de Chão' foi a vencedora do primeiro 'Festão' realizado em 1979*

O Turis Hotel ficava perto da recém construída rodoviária de Campo Grande nos anos 70 (desativada desde 2009). O jovem Adi, com 19 anos, ajudava o pai na lida do hotel, carregava as malas e engraxava os sapatos dos hóspedes, que pediam para ele cantar enquanto 'trabalhava'. O gaúcho de Erechim, descendente de italianos, repetia as canções que ouvia do trio Nico, Neco e Marina, formado pelo pai, a mãe e um tio. 'Pombinha Branca', 'Menino da Porteira', 'Chico Mineiro'... Um dos hóspedes, no entanto, era Aurélio Miranda, que vendia livros na época. De olho no desconto especial e percebendo o potencial do estrepante Adi, resolveu ensinar o jovem a cantar para formarem uma dupla. Isso tudo com o aval de Seu Otacir, o dono do hotel e entusiasta da carreira do filho.

Em 1978, contando com a influência de Delinha para que Mário Vieira aceitasse produzir o disco pela Gravadora Califórnia e o patrocínio de Seu Otacir, depois de muito ensaio para Adi aprender a cantar e tocar violão, a dupla produz o primeiro LP. O nome Cruzeiro & Tostão, que surgiu durante a gravação em São Paulo, é uma referência a duplas que utilizam nomenclaturas que fazem referência a 'dinheiro', como Milionário & Zé Rico. Meio a contragosto, Adi se transforma no Tostão. A estas alturas, a própria música sertaneja já começava a deixar de lado as 'raízes' e seguir a linha romântica, colocando lado a lado a polca, o rasqueado, a guarânia e o chamamé com tangos, boleros, toadas e o caliente huapango.

Nesta época, retornou com força a formação de duplas com sanfoneiros, como Trio Parada Dura. Mesmo Milionário e Zé Rico tinham voltado a tocar com um acordeonista. Decidiram seguir a corrente e acharam o jovem João Silvestre da Silva, de Caarapó, com 15 anos. Estava formado o trio Cruzeiro, Tostão & Centavo. Os três estavam tão afinados que em 1979 ganharam o primeiro e o segundo lugar na primeira edição do Festão, festival de música sertaneja promovido pela TV Morena com grande repercussão no Estado. Além de um fusca zero quilômetro, o trio gravou o primeiro disco, pela Chantecler, com a canção vencedora 'Estrada de Chão' como carro-chefe do repertório.

*Músicos paraguaios são atraídos pela efervescência musical do Sul de Mato Grosso*

Durante a década de 70, vários artistas sul-mato-grossenses estavam produzindo discos pela pioneira Cerro Corá, como Amambay e Mbakarai (1975), Dino Rocha/Meus Sentimentos (1975), Adail & Tesouro e Ado & Praense. Em Campo Grande, havia uma espécie de filial da gravadora sediada em Assunção, uma das pioneiras e até hoje em atividade no Paraguai: a

Melodias Discos, dirigida por Charles Franco. O finado sanfoneiro Dozinho Borges e os Irmãos Ouro e Prata, com Ado, Ramires e Luizinho, por exemplo, chegaram a lançar discos pelo selo.

O movimento contrário, no entanto, também acontecia. Artistas e grupos do Paraguai, percebendo o mercado bem maior no Sul de Mato Grosso, começam a deixar as cidades fronteiriças, principalmente Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, e seguir para Campo Grande. O Conjunto Ponta Porã é um exemplo. Dirigido pelo maestro e compositor Hermínio Giménez, o grupo grava desde 1968 uma série de LPs em gravadoras brasileiras, como a Chantecler e a Continental. Os títulos de alguns dos discos – ‘Campanha Matogrossense’ e ‘Abraço das Fronteiras’, por exemplo -, chamam a atenção pela tentativa declarada de incentivar a integração entre os dois países. Como o Paraguai vivia a ditadura do general Alfredo Stroessner (1912/2006), que durou de 1954 a 1989, e a demanda de shows para a música paraguaia era grande no vizinho Mato Grosso, muitos duos, trios, grupos, harpistas e cantores do Paraguai se estabeleceram na Cidade Morena.

Um dos conjuntos que mais realizou shows em Campo Grande e em cidades do interior foi o Los Tammy’s. O grupo foi o primeiro a gravar, na década de 70, com bateria e instrumentos eletrônicos em estúdios no Paraguai. Foi um dos que eletrificou a música paraguaia para o desespero dos mais puristas. No vocal o cantor Víctor Hugo de La Sierra, um dos mais respeitados no Paraguai e que na década de 80 iria se estabelecer em Campo Grande e formar vários grupos. O Los Tammy’s, que surgiu em Pedro Juan Caballero, se apresentou pela primeira vez na Cidade Morena em 1972, no Clube Libanês, e não parou mais de tocar em clubes como Ipê e União dos Sargentos, bailes no interior e shows em feiras agropecuárias. Uma das capas de um disco do grupo traz uma foto dos integrantes em frente ao Clube Surian.

#### • Anos 70 (Parte 2)

No final dos anos 60 aconteceram os primeiros festivais estudantis de música em Campo Grande. O pioneiro foi o Surian. Entre 1967 e 1969 o clube sediou o ‘Festival de Música Popular de Campo Grande’ e em 1970 o ‘I Festival Estudantil’. Os festivais da TV Record, em São Paulo, tinham grande audiência em todo o país e revelaram entre 1965 e 1969 nomes novos no cenário musical brasileiro, como Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil. Em vários estados do país versões regionais dos festivais começaram a pipocar e no Sul de Mato Grosso não foi diferente. Na primeira edição do ‘Festival de Música Popular de Campo Grande’ surgiu uma nova leva de artistas, que iria se transformar em grandes nomes da cultura de MS nas décadas posteriores. Geraldo, Celito e Tetê Espíndola, Paulo Simões, Carlos Colman, Grupo Acaba, Lenilde Ramos, Rubens de Aquino e o finado José Boaventura foram alguns dos jovens artistas que participaram do festival que tinha no comando Nelson Nachif (Surian), Maria da Glória Sá Rosa (Aliança Francesa) e Ailton Guerra (Rádio Educação Rural/Jornal do Comércio).

No festival de 1969 do Surian, Paulo Simões foi acusado de ‘descaracterizar a música brasileira’. O motivo foi a inclusão na letra do baião ‘Porque Eu Gosto Dela, Porque Ela Gosta de Mim’ a expressão em inglês ‘I don’t know’ (Eu não sei) para responder a pergunta ‘Será que ela gosta de mim?’. O fato revela bem a época e as influências que os ‘novos compositores’ de Campo Grande estavam recebendo. O AI-5, ato institucional que endureceu as leis do país, havia acabado de ser instaurado pelo Governo Militar. E não mais o rádio, mas a televisão começava a ditar tendências e globalizar a informação no Brasil. A maioria dos músicos desta geração tinha acesso a long-plays estrangeiros, era influenciada pelo Tropicalismo e os ídolos mundiais da época - Beatles, Rolling Stones, Bob Dylan... Alguns, inclusive, como Paulo Simões e Maurício Barros, moraram por um período nos EUA e presenciaram de perto o ‘american way of life’, que contrastava com a repressão fortíssima que dominou o Brasil no início dos anos 70.

No entanto, estes novos compositores desde a infância tinham tido contato com a música fronteiriça em serenatas, bailes, festas, restaurantes e clubes. Alguns deles nas fazendas da própria família. Em uma espécie de ‘antropofagia regional’, estes artistas acabaram criando a ‘nova’ música do Estado, lincada com as tendências mundiais e nacionais, mas também adicionando neste caldeirão a polca paraguaia, a guarânia e o chamamé, ritmos que foram a base e o foco principal das gerações que vinham se destacando no Estado desde a década de

50. Surgiu o que o pesquisador e escritor José Octávio Guizzo batizou de 'A Moderna Música Popular Urbana de Mato Grosso do Sul'.

Apesar de estarem criando desde final dos anos 60, 'Trem do Pantanal' é composta por Paulo Simões e Geraldo Roca em uma viagem a Machu Pichu em 1975. O nome original da guarânia com harmonia clássica de blues em 12 compassos era 'Através do Pantanal' e com o passar dos anos ela se tornaria o hino não-oficial de MS. No ano seguinte, Geraldo Espíndola compõe 'Cunhataiporã', em que mistura português e guarani, cita as cidades fronteiriças Ponta Porã e Corumbá e escreve na letra o desejo de 'descer o Rio Paraguai ouvindo as canções que não se ouvem mais'. Era a 'antropofagia regional' mais uma vez atuando para modernizar a música que vinha da fronteira. Esta geração 'flower power' adicionou dissonâncias na tradicional harmonia das polcas, guarânias e chamamés e utilizou um discurso pró-natureza com letras que descreviam a paisagem de Mato Grosso do Sul, criado após a divisão de Mato Grosso em 1977.

Geraldo Roca lançou em 1978 pelo selo Clack, da emissora Bandeirantes, a polca 'Japonês Tem Três Filhas', lado B do compacto simples. Na letra ele também mistura português e guarani para contar a história de um bugre pantaneiro que namora a filha do japonês, uma sátira a grande miscigenação ocorrida no Estado. O compositor ainda produz na mesma época 'Polca Outra Vez', em que segue os moldes da harmonia tradicional da polca paraguaia, mas inova com uma letra em que descreve a convivência entre sul-mato-grossenses e paraguaios. Todas estas músicas iriam começar a formar um repertório que nunca mais pararia de crescer.

#### *Tetê e o Lírio Selvagem*

A Família Espíndola é um dos baluartes da cultura sul-mato-grossense. Geraldo, Tetê, Celito, Alzira e Jerry Espíndola são os irmãos envolvidos com a música. Mas foi o artista plástico Humberto Espíndola que se destacou primeiro como produtor de arte em Campo Grande e, mais do que isso, aglutinador e incentivador de talentos. Em 1966, ele é um dos exemplos de que a provinciana Campo Grande começa a ter uma produção cultural mais intensa. Humberto com a sua Bovinocultura impressiona os críticos e até o início dos anos 70 percorre salões importantes do Brasil, Europa e América Latina e se estabelece como o 'Pintor do Boi'. Um dos mais representativos do Centro-Oeste – assim como a corumbaense Wega Nery já havia feito em décadas anteriores.

Humberto, no entanto, incentiva os irmãos, e os amigos dos irmãos, a serem artistas. Com isso, sua casa vira uma espécie de 'centro cultural'. Além de Geraldo, Tetê, Celito e Alzira, transitam também na residência Paulo Simões, Geraldo Roca e Lenilde Ramos. As primeiras músicas de Geraldo foram feitas com letras de Humberto, que é jornalista também. Em 1970, Geraldo começa a escrever as primeiras letras e faz 'Vôos Claros' com o finado violonista Antônio Mário, peça fundamental na cidade na virada dos anos 60 e começo dos 70 por arranjar as músicas dos mais novos e servir como espécie de 'orientador' e exemplo. Geraldo inicia um processo – entre 1968, 1969 e 1970 ele comporia várias canções com Paulo Simões – em que formaria um repertório muito pessoal e que seria um espelho da alma do sul-mato-grossense, sintetizando magnificamente o rural e o urbano e os novos tempos da cultura campo-grandense. É bom lembrar que nos primeiros anos da década de 70 os nomes mais importantes da música do Sul de Mato Grosso eram Délio & Delinha e o sanfoneiro Zé Corrêa.

Em 1972, Geraldo compõe o blues 'pantaneiro' 'Deixei Meu Matão'. Dali pra frente saíam 'chipas musicais' que incentivaram os outros músicos a produzirem e algumas pessoas próximas até a virarem artistas. Neste ano acontece um encontro que mudaria a história da música do Estado. Com a balada 'Ponha na Sua Cabeça', Geraldo vence a segunda edição do 'IV Festival de Música Estudantil Campo-Grandense' no Rádio Clube. O detalhe é que ele cantou a música com o apoio vocal dos irmãos Tetê e Celito. O trio, depois acrescido da irmã Alzira, formava o germinal Luz Azul, que em 1978 se transformou em Tetê & Lírio Selvagem.

O disco dos irmãos saiu pela gravadora PolyGram, uma multinacional poderosa. Pela primeira vez eles iriam registrar as suas músicas. No disco foram gravadas de Geraldo 'Andorinha Manca', 'É Necessário', 'Em Pira Lenta', 'Rio de Luar' e 'Vôos Claros', esta última de 1970 em parceria com Antônio Mario. A proposta regional/universal do grupo soava bem diferente de

tudo o que se ouvia no cenário musical brasileiro estabelecido. O discurso ecológico, as letras sobre um paraíso desconhecido, os vocais perfeitos dos irmãos e o timbre vocal cristalino de Tetê chamavam a atenção.

O figurino também era marcante. No clipe da música 'Bem-te-vi' produzido pelo 'Fantástico' – algo que só os artistas de grandes gravadoras conseguiam – eles aparecem vestidos como nos shows: colants que imitavam os bichos do Pantanal pintados pelo artista plástico cuiabano João Sebastião da Costa. Eram as 'roupas-corpo' boladas pelo artista ligado na body-art, na arte gay e na intervenção ambiental-erg. O visual incluía sapatilhas e cabelos grandes. O LP reuniu ainda um excelente time de músicos. Os arranjos ficaram a cargo de Luiz Roberto de Oliveira e o time de músicos contou com Nelson Ayres (piano acústico), Sérgio Lopes (baixo), Amylson Godoy (piano elétrico), Marco Aurélio (bateria), Mauro Herrera (percussão), Norma (harpa), Boneca (violão em fá e ocarina), e Miriam (charango), integrante do grupo Tarancón.

Algumas músicas do LP se tornaram clássicos, como 'Rio do Luar', 'Santa Branca' (de Geraldo Roca) e 'Na Catarata' (de Alzira Espíndola e Carlos Rennó). Esta última foi uma das músicas que incentivaram depois o surgimento da polca-rock nos anos 90 e 2000, assim como 'Polca Outra Vez' de Roca. Com o disco, Tetê se estabelece como a cantora, Geraldo vira o compositor mais celebrado e o Estado ganha uma música própria. É preciso considerar que isso foi entre 1978 e 1979, quando houve a divisão do Mato Grosso e todos estavam procurando responder a pergunta 'quem somos nós, os sul-mato-grossenses?' Esta geração respondia muito bem a esta questão, com uma produção artística que rompia em um primeiro momento com os músicos sertanejos que fundaram a música do Sul de MT nos anos 50 e 60.

É importante lembrar que a dupla Délio & Delinha chegou ao final dos anos 70 separada. O 'fenômeno' Zé Corrêa, depois do grande barulho na virada dos anos 60 e começo dos 70, foi assassinado cruelmente em 1974. A presença da música internacional era fortíssima – na Globo estreava, por exemplo, a novela Dancing Days. A discoteca estava na moda e, nas rádios, os hits norte-americanos predominavam. No Brasil, a cantora Lady Zu (uma paulistana filha de pernambucanos) fazia muito sucesso, o que teria motivado inclusive a troca do nome do grupo dos irmãos Espíndola. Luz Azul confundia-se com Lady Zu e, por isso, o Luz Azul virou Lírio Selvagem.

Seguindo o rumo da história, um jovem de Campo Grande começou a realizar shows como músico convidado do grupo Tetê & Lírio Selvagem. Influenciado pela música andina, a folk music e a música de raiz, Almir Sater apareceu timidamente no final dos anos 70 e nas próximas décadas iria se tornar o maior nome da música sul-mato-grossense.

### *Grupo Acaba*

Com problemas internos, o grupo Tetê & O Lírio Selvagem acabou dissolvendo-se pouco antes dos anos 80. Outro pessoal 'diferente', no entanto, também estava produzindo uma 'música nova', voltada especificamente para as tradições vindas do Pantanal e aos costumes dos indígenas. O Grupo Acaba começou a ser estruturado pelos irmãos Lacerda em 1968. Francisco Saturnino de Lacerda, o Chico, e Moacir moravam no bairro Amambaí, onde residiam vários músicos em Campo Grande (MS). Por isso, na verdade, o nome do grupo: ACABA ou Associação Cultural dos Amigos do Bairro Amambaí. Os irmãos vinham de uma infância na beira do Rio Paraguai, em Porto Esperança, e passaram esta vivência para conceituar a 'filosofia' do Acaba. A temática voltada para o resgate cultural, o engajamento pela conservação ambiental, a pureza estética de som, evitar 'norte-americanismos', a roupa sempre de algodão com todos de branco, os inúmeros apitos e efeitos de percussão, o clima xamânico das apresentações... Em 1979, com o 'nascimento' de Mato Grosso do Sul, o Grupo Acaba se encaixava muito bem na posição de ícone na busca pela música sul-mato-grossense.

Tanto que o grupo vence o primeiro evento artístico 'oficial' do novo Estado: o 1º Festival Sul-mato-grossense de Música, o Fessul. Com a abertura política realizada desde 1976 pelo General Ernesto Geisel e a necessidade das próprias autoridades no comando do governo estadual em promover a produção local, a TV Morena produziu o evento e a organização ficou a cargo do radialista e apresentador Onésimo Filho. O Grupo Acaba venceu a primeira edição do festival, que realmente mobilizou a população, os meios de comunicação e a classe

artística. A música ganhadora foi 'Kanancuê', que trazia vocábulos em tupi-guarani e representava muito bem a 'nova' bandeira regionalista.

Com uma proposta que os diferenciava do restante dos artistas de MS, o Grupo Acaba também chamou a atenção e arrancou elogios de críticos importantes, como o temido José Ramos Tinhorão, Ricardo Cravo Albim, Guio de Moraes, entre outros. O pesquisador Marcus Pereira também se 'ligou' ao trabalho do conjunto. Em 1979, o produtor veio a Campo Grande para gravar o LP 'Grupo Acaba – Cantadores do Pantanal', o primeiro ao vivo produzido no Estado. No disco, além dos irmãos Chico e Moacir, como do grupo estavam creditados o violonista e cantor Vândir Nunes Barreto, o também violonista e vocalista Alaor e o violonista e baixista Luiz Porfírio. Como convidados apareciam na ficha técnica José Charbel Filho, o Zezinho (tumba e voz), Jairo Henrique de Almeida Lara (violão), João (bumbo) e Lincoln (bateria).

Na contracapa, Marcus Pereira escreve: 'Em nossas viagens pelo Brasil, ao lado da constatação da penetração da pior música estrangeira que contaminou até os mais tradicionais redutos onde se refugiou nossa música popular, vem nos surpreendendo, também, a existência de resistentes. São verdadeiros 'maquis' que, em fantástica inferioridade, enfrentam a dominação estrangeira. A estes artistas será creditado, amanhã, o mérito maior pelo ressurgimento que se prenuncia da música de nosso povo. Como na Idade Média as rosas se refugiaram da barbárie nos jardins dos conventos e sobreviveram para marcar e comemorar os grandes feitos da Humanidade, nestes jardins brasileiros dos resistentes sobrevive o talento de nosso povo brasileiro. Ao lado do 'Tapes', do Rio Grande do Sul, do 'Grupo Zambo', da Bahia, o 'Grupo Acaba', de Mato Grosso do Sul, atua e espera. A isto se chama esperança'.

#### • Anos 80

O panorama da música sertaneja sul-mato-grossense começa bem diferente na década de 80. Délio e Delinha estavam separados desde 1976, quando gravaram o último disco pela Califórnia e romperam o casamento iniciado em 1958. No entanto, em 1981, em uma tentativa de retorno da dupla, lançaram o disco 'O Sol e A Lua'. Era o primeiro produzido fora da Califórnia e lançado na desconhecida Centauros Gravações. Foram 12 faixas, divididas em lados A e B. Eles regravaram quatro canções feitas em parceria: 'De Mato Grosso a São Paulo' – do disco 'O Casal de Onça de Mato Grosso' (1963), 'Saudade Vai, Saudade Vem' - do disco 'Gosto Tanto de Você' (1968), 'Antigo Aposento' – do LP 'Cuidado Meu Bem' (1969) e 'Somos Dois Sofrendo Igual' – do LP 'Sorria Meu Amor' (1976).

Ao contrário dos discos anteriores, em que a maioria das músicas era dos dois, neste álbum Délio assina seis músicas sozinho ('Passarinho Vigilante', 'Eu Sou Roceiro', 'Cantando Para Não Chorar', 'Não Chore', 'Filosofia' e 'Josias Pinheiro') e uma com o sanfoneiro Maciel Corrêa ('Contemplando a Natureza'). No entanto, foi a única música assinada por Delinha sem a parceria de Délio, em toda a carreira, que se transformou não só no destaque do disco, mas em um dos maiores sucessos da dupla. É o rasqueado 'O Sol e A Lua', hoje um clássico da música sul-mato-grossense. Mas o retorno de Délio & Delinha não durou e após alguns shows no interior de MS separam-se novamente, mesmo com as rádios de MS executando a música sem parar e os pedidos de shows serem constantes. Com a volta frustrada da dupla, outros nomes começam a surgir e inicia-se uma 'modernização' na concepção sonora na música sertaneja sul-mato-grossense.

Se nos anos 70, nomes como Dino Rocha e Amambay & Amambaí passaram pelas principais gravadoras do país, em 80 boa parte desta geração acaba indo para produtoras menores. A dupla Amambay & Amambaí, na verdade, começa a década oitentista separada depois de gravar dois discos pelas poderosas Continental (Os Carreiros do Brasil/1977) e Chantecler (Os Mestiços/1979). O mercado estava mudando a passos largos e, na tentativa de sobreviver as transformações, Amambay junta-se a Ado e Dino Rocha e monta o trio Os Filhos da Terra. Eles lançam dois discos com esta formação em 1982 e 1985. Amambaí, por sua vez, monta dupla com Tony Mendes e lança em 1983 o disco 'Filho de Mato Grosso' pela PolyGram. A dupla não se acerta e Amambaí forma com Rondineli e Maciel Corrêa o trio Os Tigres. Em 1985, eles lançam o único disco: 'Beco dos Apaixonados'.

O que estava acontecendo, desde final da década de 70, era o enfraquecimento dos gêneros fronteiriços - chamamé, polca e guarânia – e a instalação dos ritmos sulinos (a ‘estética do vanerão’) que se iniciou na primeira metade dos anos 80 e se tornaria predominante na segunda metade da mesma década em MS. Dino Rocha passa bem o clima daqueles tempos com a afirmação de que ‘no final dos anos 80 os paraguaios estavam vestindo bombachas para poder trabalhar com música em Campo Grande’. Com o surgimento do novo estado e as oportunidades de emprego, muitos gaúchos vieram para o Mato Grosso do Sul, embora esta migração rio-grandense acontecesse desde o início do século XIX.

A própria música sertaneja também estava se modernizando desde a aparição de Chitãozinho & Xororó. A discoteca – que tomou o Brasil após a novela *Dancing Day's* – tinha importado de vez o funk para o País. Beth e Betinha lembram que foram chamadas para tocar para os calouros de medicina e que, a certa altura, queriam que elas tocassem discoteca. ‘Me admirou muito um universitário pedir uma besteira daquela. A gente estava só no violão e na sanfona’. Por outro lado o rock nacional dominou os meios de comunicação de toda a década oitenta com o surgimento de bandas como Legião Urbana, Barão Vermelho, Titãs e Paralamas do Sucesso, pilares do que ficou conhecido como Rock BR.

Dentro do novo estado criado por Ernesto Geisel, o compositor Aurélio Miranda, os acordeonistas Dino Rocha e Maciel Corrêa e as duplas Tostão & Guarany e Jandira & Benites acabam sendo os nomes mais representativos da música sertaneja sul-mato-grossense na primeira metade dos anos 80. Dino resiste ao tempo e segue lançando seus chamamés nas mais diversas gravadoras e construindo uma obra grandiosa, admirada em todo o Brasil. Maciel Corrêa, que fez participação especial no disco de Délio & Delinha de 1981, emplacou o sucesso ‘Cadeado de Ouro’ em seu primeiro disco solo e seguiu durante toda a década lançando discos regulares.

Na interpretação da tradição da música paraguaia e latino-americana é a dupla Jandira & Benites que brilha mais intensamente. Os dois praticamente fundaram a ‘música ao vivo’ na noite campo-grandense, principalmente em churrascarias, como a famosa Cabana Gaúcha e na própria casa comandada por Jandira, a Caravelle. A dupla já havia lançado pela Califórnia quatro discos históricos nos anos 70: ‘Carreta Campesina (1971)’, ‘Un Recuerdo’ (1973), ‘Selva, Noche, Luna...’ (1974) e ‘La Carreta’ (1977).

Mas foi o quinto LP - ‘Jandira & Benites Cantan a México’ (1981) -, que se tornou o mais popular. O disco, que conta com a participação do saudoso Frankito, registra definitivamente o grande potencial da dupla, donos de um jeito de interpretar cativante e caliente. Desde a feitura de ‘La Carreta’ que Jandira havia descoberto um câncer no seio. Ela passou por uma operação em 1977 e iria resistir a doença por mais 17 anos. Para contemplar o lado compositora de Jandira, em 1983 é lançado o LP ‘Estampas Mato-grossenses – Jandira Canta Para Você’, com a produção e direção assinada pela cantora e por Benites. No texto da contracapa, Jandira ressalta que aquele disco contém ‘o amor permanente à minha terra, ao meu povo, à minha cidade...’

No repertório cinco músicas de Jandira (‘Sonora Estância’, ‘Sonho Cabloco’, ‘Terra Dadivosa’, ‘Aquarela de Coxim’ e ‘A Fronteira Galante’), mais a versão ‘Felicidades Meu Grande Amigo’ para canção de Carlos Sosa. Das 12 músicas, ainda continha interpretações para músicas de João Pacífico, Arlindo Pinto, a clássica ‘A Mato-grossense’, de Lourival dos Santos e Tião Carreiro, e finalizando com um pot-pourri de ‘Cidades de Mato Grosso’, ‘Seriema de Mato Grosso’ e ‘Chalana’. No próximo ano, 1984, a dupla iria lançar o último LP da carreira: ‘Boas Festas – Recuerdos em Chamamé’.

#### *‘Fogo Humano’ vence o segundo ‘Festão’ em Campo Grande*

Depois do sucesso de ‘Estrada de Chão’, o trio Cruzeiro, Tostão e Centavo passa por transformações. Eles haviam assinado contrato de cinco anos com a Chantecler. Estavam se preparando para o segundo ‘Festão’, quando o acordeonista Centavo acabou deixando o grupo após três anos para tocar com o Léo Canhoto – da famosa dupla Léo Canhoto & Robertinho, que se designavam ‘Os hippies do mundo sertanejo’. O cantor veio realizar um show em Campo Grande, estava sem sanfoneiro, viu Centavo tocando e o chamou para viajar com ele.

Em São Paulo, ele tocou depois com Mato Grosso & Matias e Zé Rico. Chegou a emplacar o sucesso 'O Palco Caiu' com a dupla que Centavo formou com Robertinho (ex Léo Canhoto) batizada de João Roberto & Robertinho. Ele ainda morou na Europa por um período. Centavo faleceu em 2005.

Mas ao mesmo tempo eles acabaram ganhando o segundo 'Festão', em 1980, com 'Fogo Humano'. Nesta ocasião, com a saída de Centavo, o novo sanfoneiro que entrou foi o amigo Orlei, que acabou sendo o primeiro Guarany. Mas o trio não chegaria ao segundo disco dos cinco que fariam pela Chantecler. O contrato foi cancelado após desentendimentos que envolviam as vendas do primeiro disco. Eles ainda se apresentaram por mais alguns anos e a dupla Cruzeiro & Tostão acabaria de vez em 1982.

#### *Tostão & Guarany moderniza a música sertaneja de MS*

Dois anos depois de Aurélio Miranda e Adi desfazerem a dupla, surge Tostão & Guarany. Eles lançam o primeiro disco no formato de compacto duplo em 1984 pela Universal Records. O vínculo com Aurélio ainda era grande. A dupla gravou 'PT Saudações' (Aurélio e Tostão) e 'Flor da Fronteira', (Tostão Cruzeiro e Centavo) no lado A e 'Estrada de Chão' (Aurélio Miranda) e 'Do Jeitinho Que Te Amo' (Otto Arguelha e Tostão). Um ano depois lançam 'Luzes do Além', desta vez em formato long playing (LP). Eles exploram outros ritmos além dos fronteiriços e focam bastante na música romântica.

Em 1986, já como um dos nomes sertanejos em ascensão no Estado, começam a fazer campanha política e acabam, além de ser a primeira dupla a utilizar equipamentos eletrônicos na banda de apoio, adquirindo um ônibus para as viagens e som próprio. Com a experiência das apresentações nos circos e em todo tipo de palco, Tostão & Guarany se populariza e torna-se referência para a geração que estava surgindo, já com outro tipo de visão da música sertaneja de MS.

#### *Começam a surgir os grupos baileiros no Estado*

Com a década de 90 se aproximando, começa a mudar o panorama da música sertaneja sul-mato-grossense. Em 1988 surge o Uirapuru, o primeiro grupo baileiro do Estado e que faria muito sucesso. Era reflexo da vinda de muitos grupos do Rio Grande do Sul para se apresentar no Estado – como Garotos de Ouro e Minuano – e que iria provocar uma leva de outros conjuntos formados em solo de MS que tentavam imitar e aproveitar a onda do vanerão. Como não conseguiam, acabaram aos poucos criando uma sonoridade original e uma mistura de ritmos bem sul-mato-grossense.

A música gaúcha tinha tanta receptividade no Estado que a dupla Zé Alexandre e Elza Maria acaba fixando residência em MS, ajudando ainda mais a popularizar os ritmos do RS dos anos 80 em terra sul-mato-grossense. O sucesso do grupo Uirapuru foi tão grande que nos anos 90 iria gerar duas outras bandas: O Canto da Terra e Zíngaro. Duplas como Alex e Queiroz, que depois se transformou em Castelo e Mansão, e o Duo Canto Livre, formado por Itamy, Lígia Mourão e Evânio (Guarany), mantinham-se fiel a tradição da música de MS, mas principalmente os instrumentistas tinham que se adaptar a onda baileira e gaúcha. Como lembra Dino Rocha muito bem: 'No final dos anos 80, os músicos paraguaios estavam vestindo bombachas para poder trabalhar'.

#### **• Anos 90**

A música sertaneja de Mato Grosso do Sul entrou a década de 90 em fase de total transformação. Os 'pioneiros' dos anos 50 e 60 estavam bastante enfraquecidos. A onda da discoteca do final dos anos 70 e rock nos 80 foi difícil de atravessar. Justamente em 1990, seria eleito pelo voto direto Fernando Collor de Mello como presidente do país. A trilha sonora do seu curto governo – que durou até 30 de dezembro de 1992, quando renunciou para se livrar do impeachment aprovado pelo Congresso Nacional – foi das duplas sertanejas, como Leandro & Leonardo, Zezé Di Camargo & Luciano e Chitãozinho & Xororó. 'É o Amor' 'estourou' em 1991. Aquela estética, bem longe da música de raiz, estava dominando as rádios e o mercado musical brasileiro.

Em Mato Grosso do Sul, a dupla que mais trilhava este caminho, modernizando a música das gerações anteriores e com um pé no romantismo, passou praticamente parada a primeira metade dos anos 90. Tostão e Guarany se separaram em 1992 e só vieram a retornar a parceria em 1995. Era um tempo em que os artistas de maneira geral, mas os sertanejos em particular, trabalhavam muito em campanhas eleitorais. Os períodos de eleição, assim como o Carnaval e as festas de fim de ano, eram esperados pelas bandas e instrumentistas como um tempo para se fazer um bom 'pé de meia'.

Mas o que estava em alta realmente no mercado de música regional em Mato Grosso do Sul eram as bandas baileiras. Desde o final da década de 80, quem se destacava era o grupo Uirapuru. Um dos sócios fundadores foi Wagner Braga Hildebrand, que já tinha integrado a Banda Zutrik e que iria anos mais tarde ser um dos fundadores do grupo Tradição. O Uirapuru teve uma ascensão tão rápida e alavancou tanto os integrantes que após o seu final gerou duas bandas: O Canto da Terra e Zingaro. Os baileiros estavam em alta.

Um dos integrantes do Uirapuru que ajudou a fundar O Canto da Terra, em 1993, foi o acordeonista Marlon Maciel, na verdade, sobrinho de um dos 'pioneiros' do instrumento em MS: o sanfoneiro Maciel Corrêa. Com O Canto da Terra, Marlon Maciel gravou sete discos e rodou com o conjunto vários estados do Brasil, como São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. Influenciado pelos discos de Zé Corrêa, começou a tocar aos 14 anos. Depois de se lançar em carreira solo, Marlon Maciel se firmou como um dos principais nomes do acordeon de MS.

#### *Tradição surge em 1995 e muda panorama da música de MS*

A estética começada pelos grupos baileiros, no entanto, iria gerar uma das bandas que mais fez sucesso nos anos 90 em MS: o grupo Tradição. Oficialmente fundada em outubro de 1995, a banda teve como formação original os integrantes Wagner Braga Hildebrand (acordeon), Chiquinho (acordeon), Paulo (contrabaixo), Valdenésio (guitarra e voz), Sérgio (violão e voz) e Carlão (bateria/voz). Dois itens chamavam particularmente atenção do conjunto: o destaque para o instrumento acordeon e a mistura dos ritmos que vinham da música sertaneja e gaúcha, principalmente.

Após dois anos de muito trabalho, o Tradição finalmente chegaria ao sonhado primeiro disco. Também houve troca de integrantes. Michel Teló entraria no lugar de Chiquinho e aos poucos iria se tornar a estrela principal da banda. Carlos substituiu Paulo, Pecóis entrou no lugar de Valdenésio e Anderson no de Carlão. Wagner resolve se dedicar à parte empresarial do grupo e completam o time Gerson Douglas no acordeon e Arapiraka na percussão. Com esta formação eles lançariam Cavalo Zaino, em 1998, e Maria Fumaça, em 1999. Este último disco, com a música de Kleiton e Kledir como carro-chefe, iria levar a banda para outros estados. Com certeza, o Tradição fecha a década de 90 como o principal nome da música de MS.

#### *Retorno de duplas, morte de Jandira e começo de nova safra*

Além da volta de Tostão & Guarany em 1995 - eles lançaram um single pela Ariola Discos -, quem também retornou à ativa foi a dupla Délio & Delinha. Em um show com o grupo O Canto da Terra, em 1992, o 'Casal de Onça de Mato Grosso' voltava a se encontrar no palco para a felicidade de centenas de fãs que lotaram as dependências do Círculo Militar. Em 1995, a gravadora Sauá, de Paulo Simões e Guilherme Rondon, lançaria o disco 'Modas Sertanejas', uma compilação com os principais sucessos da dupla.

Depois de ter perdido tragicamente o acordeonista Zé Corrêa em 1974 e o compositor Zacarias Mourão em 1989, seria a vez de Jandira dar adeus. Em 29 de outubro de 1994, a cantora não resistiu ao câncer e faleceu aos 58 anos de idade e 38 de carreira. A música fronteira ficava órfã da sua maior interprete em terras sul-mato-grossenses.

No final da década de 90 outros nomes começaram a surgir na música sertaneja de MS. Seguindo o estilo romântico, aparece em 1999 a dupla das irmãs Patrícia & Adriana. Duas gravadoras em especial ajudavam a alavancar a cena sertaneja do estado: a Sapucay Discos e

Pantanal Discos. Patrícia e Adriana cantaram em muitos bares e festas e depois de justamente participar de uma coletânea lançada pela Pantanal Discos conseguiram o primeiro sucesso 'O Mais Fraco Coração', que tocou bastante nas rádios de MS. Outra dupla que já estava na ativa, mas que só iria fazer sucesso anos mais tarde, era João Bosco & Vinícius. O mercado sertanejo do Estado estava aquecido, com vários nomes sul-mato-grossenses prontos para estourar nacionalmente e seria exatamente isso que iria acontecer na década seguinte. Jamais a música sertaneja de MS iria tão longe.

#### • Anos 2000

A primeira década dos anos 2000 para a música sertaneja sul-mato-grossense foi mais do que pródiga. O grupo que atingiu o sucesso além fronteiras que viria no final da década foi o Tradição. O conjunto abriu o caminho para outros artistas sul-mato-grossenses se destacarem nacionalmente, como João Bosco & Vinícius, Maria Cecília & Rodolfo e Luan Santana.

Com o sucesso de artistas de MS, muitos músicos sul-mato-grossenses também seguiram o mesmo estilo e muitas duplas e cantores novos surgem. São vários os exemplos: a banda Laço de Ouro, o grupo Castelo – formado por Castelo e Nelsinho, o cantor Arthur Felipe e as jovens duplas João Gustavo & Gabriel e Marcos & Alexandre.

São várias as duplas sul-mato-grossenses que se destacam na década de 2000, formando um mercado regional forte para o gênero. Entre eles, Marco Aurélio & Vinícius – que lançaram as famosas 'violadas' -, Jads & Jadson, Thulio & Thiago, Vitor & Vinícius e Thalyson & Tarsila.

#### *Tradição se torna referência para o país com ritmo diferente*

Tudo começou em 2001 com o primeiro disco ao vivo gravado pelo Tradição. O quarto do conjunto e o primeiro ao vivo entre os grupos baileiros do Brasil. O ingrediente novo era a mistura do vanerão com os ritmos da Bahia, tudo regado com muita sanfona e uma percussão bem mais presente do que nos trabalhos anteriores. O mix foi pensado por Michel Teló, a estas alturas o líder natural da banda, e executado pelo percussionista virtuose Wlajones Carvalho.

Começaram a fazer shows no interior de São Paulo e Mato Grosso e acabaram sendo chamados para uma participação em um disco do Chitãozinho & Xororó. Por influência da dupla e por meio do produtor Luis Gustavo, o Tradição foi contratado pela Universal Music. Em 2002, lançaram pela multinacional o álbum 'Habanera Brasileira'. A ideia que começou no primeiro ao vivo ganhou força e o grupo iria surfar ainda mais forte no 'vanerão pop', com direito a coreografia entre os integrantes. Depois da música gaúcha influenciar decididamente a música sul-mato-grossense no final dos anos 80, é a vez do Tradição mudar o jeito de tocar dos grupos baileiros sulinos.

Apesar de ter tentado batizar de 'habanera' – um ritmo cubano -, o som do grupo ficou conhecido como 'estilo Tradição'. Com a saída de alguns integrantes, a fase dos discos na Universal deu mais destaque para Michel Teló. Mas a gravadora estava descaracterizando o grupo demasiadamente. Em 2003, o disco 'Bendito Seja' – já com o cantor Sérgio Brasil desligado do grupo - trazia como convidado o sambista Zeca Pagodinho. O público baileiro, 'chapeludo', estranhou e os dois discos não foram sucessos. No entanto, o Tradição se tornou conhecido nacionalmente depois de terem aparecido nos principais meios de comunicação do país.

Após ter feito o primeiro disco ao vivo de um grupo baileiro, em 2005 o Tradição gravou e lançou o primeiro DVD de um conjunto de MS. Mesmo já fora da Universal, o grupo emplacou a música 'Barquinho' e a banda finalmente conseguiu atingir o público do país inteiro. Em 2005, faz a primeira turnê para os Estados Unidos. A consagração viria com os DVDs de 2007 e 2008 'Micareta Sertaneja', em que se apresentavam em cima de um trio elétrico. O vocalista Michel Teló e o sanfoneiro Gérson, no entanto, deixam o grupo em 2009. No lugar do Michel Teló entrou Guilherme Bertoldo (ex-vocalista do grupo 'Os 4 Gaudérios') e no lugar do acordeonista Gerson entrou Jeferson Roberto. Michel Teló parte para a carreira solo e emplaca vários sucessos em todo o Brasil, como 'Ei, Psiu, Beijo Me Liga' e 'Fugidinha'.

### *João Bosco & Vinícius lançam o sertanejo universitário*

Apesar de estarem na estrada desde os anos 90, foi a partir de 2002 que os amigos de infância João Bosco e Vinícius iriam iniciar uma ascensão surpreendente. Os dois moravam em Coxim e começaram a cantar em festivais da cidade. Decidiram montar a dupla e tocar em bares e realizar shows. A apresentação em uma festa em Maracaju em 2003 foi gravada ao vivo e um CD pirata se tornou a base do primeiro disco que em MS vendeu 40 mil cópias. Um fenômeno para o mercado regional da música sul-mato-grossense. Os dois estavam morando em Campo Grande para cursar universidade – Odontologia (João Bosco) e Fisioterapia (Vinícius) - e se tornaram conhecidos no meio universitário. Foi daí que veio a sigla - 'sertanejo universitário' -, que com os anos acabou batizando um novo 'gênero' da música sertaneja com origem em MS.

Aquela gravação ao vivo da festa informal cruzou fronteiras e levou a dupla para outros estados, como Paraná e São Paulo. A gravadora Panttanal Discos lançou um CD remasterizado – 'Acústico no Bar' -, legalizando o pagamento dos direitos autorais das obras, mas sem efetuar nenhuma mudança de repertório. A dupla se tornou ainda mais popular e a produção do primeiro DVD – também pela Panttanal – aconteceu naturalmente. Ele foi gravado em setembro de 2005 em Campo Grande com 15 mil pessoas na platéia.

O disco 'Acústico Pelo Brasil', de 2007, contou com a participação de César Menotti & Fabiano, Grupo Tradição e Juliano César. Dois anos depois, no entanto, viria a consagração com a contratação da dupla pela Sony BMG Brasil e a gravação do disco 'Curtição'. Com este CD, João Bosco & Vinícius se tornou a dupla mais tocada do Brasil, com sucessos como a música que batiza o disco, 'Sufoco' e 'Coração Só Vê Você', que acabou na trilha sonora da novela 'Paraíso', da Rede Globo. Mas foi com 'Chora, Me Liga' que a dupla ficou em segundo lugar nas paradas de sucessos em 2009, só perdendo para a cantora norte-americana Beyoncé. Os amigos de infância se tornaram estrelas nacionais da música brasileira.

### *Maria Cecília & Rodolfo partem da universidade de Zootecnia para o estrelato*

Com o mercado da música sertaneja de MS mudado após o estouro de João Bosco & Vinícius, outros artistas começaram a surgir na Capital seguindo a mesma trilha. O sertanejo universitário foi se transformando em uma marca e Maria Cecília & Rodolfo reforçou ainda mais o gênero. Maria Cecília Serenza Ferreira Alves é campo-grandense e Rodolfo Trelha Jacques nasceu em Nioaque, interior de MS. A história dos dois começa em 2005, quando Rodolfo é transferido para Campo Grande para estudar Zootecnia. Justamente o curso que Maria Cecília estava cursando. Eles tornaram-se amigos. Só dois anos depois, já no último semestre da faculdade, que os dois formaram a dupla. O primeiro show de Maria Cecília e Rodolfo foi realizado em junho de 2007.

Entre o primeiro show e a gravação do primeiro CD, em maio de 2008, e a explosão como uma das duplas mais acessadas no YouTube, não se completaram dois anos. Uma trajetória realmente meteórica. Entre os hits que tornaram a dupla conhecida e anunciada como 'explosão no sertanejo universitário' estão 'Mato e Morro Por Você' e 'Pode Ser Pra Valer'. Depois de realizar uma pesquisa para detectar os CDs mais vendidos no país, a Universal Music resolveu contratar em dezembro de 2008 a dupla. Maria Cecília & Rodolfo aparecia em segundo lugar e também em terceiro entre os mais acessados do YouTube. A gravadora realmente não teve mais dúvidas depois de ver os dois ao vivo no show de Jorge & Matheus, em São Paulo.

A marca da dupla é as letras românticas e uma batida acelerada e 'dançante'. É a fórmula do sertanejo universitário e que estourou nas rádios brasileiras. No primeiro DVD da carreira, eles também mostram a veia de intérpretes como, por exemplo, na regravação do sucesso 'Como Eu Quero', da banda pop rock Kid Abelha. Com mais um DVD gravado ao vivo (lançado pela Universal), Maria Cecília e Rodolfo estão fazendo uma média de 20 shows por mês. A música 'Você de Volta' fez parte da trilha de 'Paraíso', novela das seis da Globo. Os dois se tornaram namorados.

Para o próprio Rodolfo, o sucesso da dupla tem a ver com o fato de ter poucas vozes femininas no sertanejo universitário. No CD e o DVD 'Amor Sertanejo ao Vivo -Vol. 2', os dois mostram

que estão com o aval de nomes 'pesados' da música sertaneja. Participaram do disco as duplas Bruno & Marrone, Edson & Hudson, Hugo Pena & Gabriel, César Menotti & Fabiano, Guilherme & Santiago e Fernando & Sorocaba, entre outras.

#### *O garoto prodígio da música de Mato Grosso do Sul*

Enquanto as duplas proliferaram nos anos 2000 na música sertaneja de MS, um garoto em especial iria construir uma carreira solo exemplar. Os pais de Luan Santana são de Jaraguari, interior do Estado de MS, e sempre incentivaram o filho. Aos 14 anos ele já era conhecido como o Gurizinho, quando emplacou o sucesso 'Falando Sério', da compositora Elizandra, depois gravadas por várias duplas. O próprio Luan relembra o início de carreira:

'Eu gravei um MD, eu mesmo levei o aparelho num churrasco em Jaraguari e em uma festinha de família gravei na maior inocência. Nunca imaginei que ela ia espalhar como espalhou. Inclusive a compositora, Elizandra, estava na festa e faz segunda voz para mim na gravação. Ela começou a estourar e espalhar pelo Mato Grosso do Sul e depois por um pedaço de Goiás. O pessoal começou a ligar para pedir shows e fizemos principalmente aqui no Estado, em Goiás e em um pedaço do Paraná também. Depois dessa música gravei 'Sufoco', de uns amigos meus de Goiás, Diego Damasceno e Daniel, deu uma melhorada. Gravei independente também, mas já era em estúdio, produzida.'

Depois de muita luta e perseverança, Luan acabou finalmente contratado pela Som Livre, gravadora ligada a Rede Globo. A partir daí, o 'menino prodígio' começa uma escalada rápida para se transformar no artista de Mato Grosso do Sul mais conhecido no país. Em 2009, ele realizou mais de 200 shows, principalmente, no interior do Paraná e São Paulo, além dos Estados do Centro-Oeste. Luan, na verdade, se tornou um dos principais artistas do Brasil.

Venceu a categoria Revelação Musical no prêmio 'Melhores do Ano', realizado anualmente no 'Domingão do Faustão'. Ele deixou para trás as cantoras Maria Gadú e Myllena. Em janeiro de 2010, Luan já havia feito história. Durante uma semana fez uma participação especial na novela 'Malhação'. Foi a primeira vez que um artista sertanejo esteve no elenco da novela. O sucesso se consolidou com o DVD 'Meteoro', lançado pela Som Livre. A gravação atraiu 85 mil pessoas ao Parque das Nações, em Campo Grande (MS), cidade natal do músico.

Além de ser um artista diferente do meio sertanejo-romântico, pois atua como cantor solo e não em dupla, Luan Santana chegou a uma receita musical estudada junto ao produtor Ivan Myazatto. 'Decidimos que a bateria faria umas viradas que não existem no sertanejo, teria só violão e pouca guitarra. Não tem sanfona e gaita, só alguns efeitos de teclado. Já tem muita gente usando gaita, todo mundo está gravando a baladinha, virou 'carne de vaca'', explica o músico que cresceu no bairro Monte Castelo, em Campo Grande.

São mais de 70 fãs clubes espalhados pelo Brasil. Em 2010, Luan apareceu em todas as listas da revista 'Billboard Brasil', versão brasileira da importante revista norte-americana. Ele está entre os 100 mais tocados do país e os 10 mais executados em várias capitais. Filho legítimo da música sertaneja sul-mato-grossense, Luan segue expandindo os limites e quebrando barreiras. Foi o primeiro artista sertanejo a ser tocado no Multishow, canal por assinatura da Net. A 'Luan Mania', na verdade, já tomou conta do país.

*\* Texto escrito originalmente para o projeto Do Caipira ao Digital  
([www.musicasertanejadoms.org.br](http://www.musicasertanejadoms.org.br))*

**\*\* Rodrigo Teixeira** é autor de 'Os Pioneiros – A Origem da Música Sertaneja de Mato Grosso do Sul', lançado em fevereiro de 2010. O livro pode ser baixado na íntegra no <http://www.overmundo.com.br/banco/os-pioneiros-a-origem-da-musica-sertaneja-de-mato-grosso-do-sul-1> O jornalista e músico ainda desenvolve o blog Matula Cultural ([www.matulacultural.wordpress.com](http://www.matulacultural.wordpress.com)) e a Matula TV ([www.youtube.com/matulateve](http://www.youtube.com/matulateve)) para divulgar a cultura sul-mato-grossense.

**\*\* Contato:** [teixeira.rodex@gmail.com](mailto:teixeira.rodex@gmail.com)